

HISTÓRIA E SENTIDOS DA TATUAGEM: DO RITUAL ANCESTRAL À CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA CONTEMPORÂNEA

Grazieli Zanette¹
Paulo Celito Pizolotto²
Flávia Zorzi Branco³
Jefferson João dos Santos⁴

RESUMO

A tatuagem constitui uma prática ancestral que atravessa diferentes períodos históricos, assumindo significados diversos conforme os contextos socioculturais em que se insere. Inicialmente vinculada a rituais religiosos, espirituais e formas de pertencimento coletivo, ao longo do tempo passou por processos de estigmatização e posterior ressignificação, consolidando-se, na contemporaneidade, como uma importante forma de expressão estética, identitária e subjetiva. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo investigar de que maneira a tatuagem se configura como prática de expressão identitária e subjetiva na atualidade, analisando suas relações com a autoestima, pertencimento social e a construção de sentido de si. A análise teórica evidencia que a tatuagem opera como linguagem simbólica, mediando a relação entre o sujeito e o meio social. Destaca-se seu papel na reconstrução da autoimagem, especialmente em contextos marcados por sofrimento psíquico, nos quais o ato de tatuar-se pode favorecer processos de ressignificação de experiências e fortalecimento da autoestima. Conclui-se que a tatuagem, no cenário contemporâneo, configura-se como um recurso de elaboração subjetiva e construção de identidade, articulando dimensões individuais e sociais na produção de sentidos sobre a existência.

Palavras-chave: tatuagem; identidade; autoestima; subjetividade; corpo.

1 INTRODUÇÃO

A presença da tatuagem na sociedade não é um fenômeno recente; ao contrário, trata-se de uma prática que atravessa diferentes períodos históricos, sendo constantemente ressignificada em distintos contextos socioculturais. Trata-se de um costume ancestral que, desde as primeiras civilizações, esteve associado a funções religiosas, espirituais e sociais, carregando significados que acompanharam seus portadores ao longo da vida (Meloto, 2021).

Historicamente, o corpo foi objeto de culto, de cuidado e de ritualização, funcionando como espaço de saúde, de higiene e de beleza, mas também como veículo de significação simbólica. Ao ser exposto socialmente, o corpo converte-se em um suporte de visibilidade simbólica, atuando como elemento de diferenciação e um veículo privilegiado para a expressão

¹ Graduanda em Psicologia (UCEFF, 2026).

² Mestre em Psicologia - Imed Faculdade Meridional (IMED) - E-mail: paulocelito2028@gmail.com.

³ Docente.

⁴ Docente.

da subjetividade (Silva, 2011). No cenário atual, a tatuagem pode ser encontrada em todos os continentes, assumindo múltiplos propósitos, técnicas e resultados variáveis de acordo com cada cultura (Meloto, 2021).

Enquanto manifestação estética e simbólica, caracteriza-se por ser um sinal visível, produzido a partir de perfurações na pele associadas à aplicação de pigmentos. Inicialmente, esse processo era realizado de forma artesanal e improvisada; contudo, com o tempo, surgiram instrumentos específicos que possibilitaram maior precisão técnica e contribuíram para a difusão da prática (Pérez, 2006).

Esse movimento histórico evidencia a força simbólica da tatuagem, que ao longo do tempo se consolidou como prática cultural e artística reconhecida, ultrapassando o espaço marginal e se inserindo no cotidiano social. À medida que as sociedades se transformaram, também se modificaram os significados atribuídos à tatuagem, que passou a ser compreendida para além da marca corporal, mas como prática ligada à subjetividade, à identidade e às dinâmicas sociais (Meloto, 2021).

Nesse contexto, formula-se a seguinte pergunta-problema: **quais os sentidos atribuídos à tatuagem na contemporaneidade, especialmente em sua relação com a autoestima, a identidade e a expressão de subjetividade?** É lícito assinalar que essa indagação orienta todo o percurso investigativo aqui proposto, conduzindo à definição de um objetivo geral e de metas específicas. Assim, busca-se investigar de que maneira a tatuagem se configura como prática de expressão identitária e subjetiva na contemporaneidade, analisando suas relações com autoestima, pertencimento social e construção de sentido de si.

À luz desse quadro, destaca-se como objetivo geral desta investigação: apresentar um breve histórico da tatuagem, desde suas origens até sua consolidação no mundo contemporâneo. Além disso, derivam-se os seguintes objetivos específicos: (a) analisar como a tatuagem se relaciona às transformações sociais e culturais que ressignificam o corpo; (b) discutir a tatuagem como recurso de expressão de identidade e subjetividade; e (c) refletir sobre a relação entre tatuagem, autoestima e a busca por sentido na vida. Para atingir tais propósitos, adota-se como metodologia uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo. Assim, pretende-se articular criticamente diferentes perspectivas teóricas sobre o fenômeno da tatuagem, conferindo à pesquisa validade acadêmica, bem como relevância prática e social. A seguir, apresenta-se a fundamentação teórica que sustenta esta investigação, dividida em eixos que percorrem a historicidade, a linguagem corporal e as implicações subjetivas da tatuagem.

2 REVISÃO TEÓRICA

Neste tópico estão presentes as informações que foram extraídas da literatura, sendo: Artigos científicos, livros, monografias e dissertações.

2.1 A TATUAGEM NO TEMPO: ETIMOLOGIA, SIGNIFICADOS E TRANSFORMAÇÕES ATÉ A CONTEMPORANEIDADE

A tatuagem pode ser compreendida como um caminho de construção da subjetividade na medida em que inscreve no corpo marcas que simultaneamente diferenciam e identificam o sujeito. Esse é, em linhas gerais, o seu sentido mais amplo. No entanto, o que se torna relevante no contexto contemporâneo é compreender o tipo de subjetividade que vem sendo forjada por meio dessa prática corporal, cujos significados se transformaram ao longo dos diferentes períodos históricos e sociais (Pérez, 2006). Nesse sentido, a tatuagem é expressão que acompanha a trajetória humana, conectando passado e presente, revelando como os corpos podem carregar símbolos, memórias e narrativas individuais e coletivas (Meloto, 2021). A palavra “tatuagem” tem origem etimológica no termo polinésio *tatau*, que significa “marcar” ou “golpear”, em referência ao som produzido durante o processo de inserção do pigmento na pele com instrumentos rudimentares. Esse termo foi registrado pela primeira vez por navegadores europeus no século XVIII, sobretudo após as expedições do capitão James Cook ao Taiti e outras ilhas do Pacífico, onde observou-se a prática amplamente difundida entre os povos locais. A incorporação da palavra às línguas ocidentais se deu por meio do inglês *tattoo*, que acabou por se consolidar como designação universal do fenômeno (Lima, 2020).

Após o contato com os polinésios, viajantes e marinheiros, seduzidos por essa arte corporal, amplamente praticada nessas regiões, começaram a tatuar seus próprios corpos, levando consigo essa prática para além de seus contextos originais. A tripulação de Cook e outros marinheiros adotaram a prática de tatuar o corpo, usando as tatuagens como um registro de suas viagens e experiências. A partir daí, a tatuagem se espalhou rapidamente, tornando-se uma tendência entre os navegadores que registravam, por meio dos desenhos marcados na pele, os locais por eles visitados (Pérez, 2006).

A adoção da prática, levou os navegadores a utilizar as tatuagens como símbolos culturais, de superstição e até insígnias militares ou religiosas. Contudo, apesar da difusão, no ocidente essa era considerada uma prática marginal, associada a criminosos e a grupos sociais considerados desviantes, o que intensificou os estigmas ao longo dos séculos. Nesse sentido, a

tatuagem era vista como uma prática de "subculturas" e associada a grupos marginalizados, sendo difícil para os contemporâneos entenderem por que os marinheiros adotariam um hábito tão mal visto (Marques, 1997).

É importante destacar, porém, que práticas de modificação e inscrição no corpo são muito mais antigas do que a fixação do termo moderno. Povos do Egito, da América Pré-Colombiana e os maoris já utilizavam diferentes técnicas e nomenclaturas próprias para designar marcas corporais que possuíam significados espirituais, identitários, sociais ou terapêuticos. Assim, embora a palavra “tatuagem” esteja vinculada historicamente ao contato europeu com os povos polinésios, a prática que ela descreve acompanha a humanidade desde a Antiguidade, assumindo formas, sentidos e denominações variadas conforme cada contexto cultural. Nessa perspectiva, a etimologia da tatuagem transcende sua dimensão linguística, pois revela também um processo de apropriação cultural, transformação simbólica e ressignificação histórica que atravessa o termo: de prática ancestral e ritualística, ligada ao sagrado e vinculada ao pertencimento coletivo, até se tornar um conceito globalizado que, na contemporaneidade, integra dimensões estéticas, existenciais e subjetivas da experiência humana (Lima, 2020).

2.2 BREVE HISTÓRICO DA TATUAGEM

A prática da tatuagem acompanha a humanidade desde tempos remotos, ainda que não seja possível precisar o momento exato em que se começou a realizar modificações corporais permanentes. Provas arqueológicas encontradas em diferentes regiões do mundo — como a múmia de Ötzi, datada de cerca de 5.200 anos, descoberta na fronteira da Áustria com a Itália, além de corpos mumificados no Egito e na China — demonstram que o hábito de inscrever marcas na pele já fazia parte da vida humana na Antiguidade. Os motivos variavam: em algumas culturas, as marcas corporais representavam ritos de passagem, invocavam proteção espiritual ou simbolizavam a afirmação de identidade e pertencimento a um grupo; em outras, eram utilizadas como registros de feitos de coragem, de punição ou de estigmatização social. Esses achados revelam que, desde os primórdios, o corpo foi concebido como suporte simbólico e cultural. Assim, a tatuagem possuía sentidos associados ao sagrado, à coletividade e à organização social dos povos antigos (Lima, 2020).

Ao longo da história, a tatuagem assumiu significados plurais, variando conforme o tempo e a cultura. Os egípcios, conhecidos por sua busca em deixar marcas memoráveis por meio de práticas como a mumificação, a construção de pirâmides, de templos, de esculturas e pela escrita em hieróglifos se destacaram pelo uso da tatuagem como forma de expressão

simbólica. Essas marcas, em diferentes culturas, assumiam funções múltiplas: poderiam ser sinais de identidade, insígnias militares, registros de luto ou alianças matrimoniais, além de amuletos de proteção ou expressões de biografias pessoais. Isso demonstra que, desde a Antiguidade, a tatuagem esteve ligada à necessidade de significar experiências e organizar simbolicamente a vida social (Marques, 1997).

Nesse sentido, a presença de modificações corporais desde tempos remotos indica que a prática da tatuagem deve ser compreendida como um fenômeno humano universal, ligado à necessidade de expressão e simbolização da experiência. Assim, no contexto egípcio, a tatuagem se configura como parte essencial da cultura, espelhando motivos já presentes em suas artes e reforçando a íntima relação entre corpo, memória e identidade coletiva (Lima, 2020).

Entre os egípcios, as tatuagens figurativas tinham forte valor espiritual e social, marcando corpos masculinos e femininos e servindo tanto como símbolos religiosos quanto como expressão de status. Durante muito tempo acreditou-se que, no período pré-dinástico (anterior a 3100 a.C.), a tatuagem entre os egípcios se restringia a padrões geométricos e que era praticada apenas em mulheres, vinculando-se sobretudo a funções religiosas e espirituais. No entanto, descobertas recentes de múmias datadas de aproximadamente 5.000 anos revelaram a presença de tatuagens figurativas tanto em corpos femininos quanto masculinos, trazendo à tona representações de animais e de símbolos de forte valor cultural. Esses achados sugerem que as tatuagens faziam parte de um sistema complexo de significações que abarcava espiritualidade, status social, fertilidade e ritos de passagem (Lima, 2020; Meloto, 2021).

No que diz respeito aos povos originários das américas, a tatuagem esteve relacionada aos rituais de iniciação e à marcação de pertencimento. Registros arqueológicos da América Central e da América do Sul mostram que povos como Astecas, Nascas e Maias utilizavam padrões de animais estilizados, figuras geométricas e símbolos próprios de sua cosmovisão, repetindo nas tatuagens os mesmos motivos presentes em cerâmicas, em estatuetas e em tecidos. Essas marcas carregavam significados distintos, como a valorização da fertilidade feminina ou a identificação de membros de uma mesma comunidade. No Brasil e na América do Norte, os diferentes povos nativos também faziam amplo uso de tatuagens e de pinturas corporais, tanto para fins espirituais quanto ornamentais, reforçando a coesão comunitária (Lima, 2020).

Antes da chegada dos europeus ao Brasil, os povos originários já utilizavam a pintura corporal e realizavam marcas na pele, empregando tintas extraídas de frutas e plantas, aplicadas com instrumentos como espinhos, ossos, dentes de animais e pedras. No entanto, a tatuagem

começou a ganhar maior visibilidade no Brasil a partir do século XIX, com a abertura dos portos. O contato de marinheiros com a população das regiões litorâneas levou à popularização da tatuagem, que inicialmente ficou associada às camadas populares e a grupos marginalizados (Marques, 1997).

Já entre os maoris da Nova Zelândia, a tatuagem assume uma função ainda mais singular, pois os desenhos, para além de simbolizar o pertencimento coletivo, contavam a trajetória individual de cada pessoa, funcionando como um verdadeiro “documento corporal” que preservava memórias e histórias pessoais. Nos povos maori, a tatuagem assume uma dimensão única em sua íntima relação com a construção da identidade pessoal “por garantir à cada indivíduo desenhos específicos que contam exclusivamente sua própria história” (Lima, 2020, p. 28). Ao contrário de outras culturas, em que a tatuagem podia marcar a pertença a um grupo de maneira mais homogênea, entre os maoris cada desenho era elaborado de acordo com a trajetória de vida do indivíduo. Realizadas desde a adolescência, as marcas eram acrescentadas progressivamente ao longo dos anos, registrando conquistas, experiências e memórias pessoais. Assim, cada corpo se tornava um arquivo visual exclusivo, portador de uma narrativa singular que, ao mesmo tempo, assegurava o pertencimento ao grupo. Além disso, a tatuagem era concebida como um ritual de dor, em que suportar o processo era sinal de nobreza e distinção, conferindo dignidade ao portador. Dessa forma, a tatuagem maori articula memória, identidade e espiritualidade, funcionando como um documento corporal que preserva tanto a história individual quanto a herança coletiva (Lima, 2020; Meloto, 2020).

No que se refere ao contexto da Grécia Antiga, torna-se oportuno destacar que a espiritualidade exercia forte influência sobre a sociedade. Os gregos acreditavam que atributos como beleza, sabedoria e força eram concedidos pelos deuses, o que reforçava a valorização do corpo, atrelada à espiritualidade. Essa crença sustentava a ideia de que seu povo era especialmente favorecido pelas divindades, o que contribuía para a construção de um sentimento de superioridade em relação aos demais povos. Na concepção grega, esses grupos eram considerados inferiores por não desfrutarem da mesma proteção divina nem possuírem as mesmas virtudes atribuídas aos gregos, fortalecendo uma visão hierarquizada entre as diferentes culturas (Jaires, 2011).

O historiador Heródoto (cerca de 450 a.C.) já havia observado que, para povos vizinhos como os Citas e os Trácios, a tatuagem era compreendida como sinal de nobreza e de distinção social. Entre os gregos, contudo, a prática assumia conotação negativa e punitiva, sendo utilizada para marcar criminosos e escravizados. Tal visão se fundamentava em uma perspectiva etnocêntrica, já que os gregos consideravam as demais culturas como inferiores,

rudes e “bárbaras”. Nesse contraste cultural, o que para os chamados “bárbaros” se configurava como expressão simbólica e status, para os gregos tornava-se marca de infâmia e marginalização. Não por acaso, as tatuagens recebiam a denominação de *stigmata*, termo que remetia diretamente à ideia de vergonha e de desonra. Assim, a tatuagem era utilizada como instrumento de controle social e de identificação visual, em evidente oposição às finalidades simbólicas que a prática assumia em outras culturas (Jaires, 2011; Lima, 2020).

Quando falamos sobre o Império Romano (27 a.C. a 476 d.C.), este, após suas conquistas, absorveu muitos elementos da cultura grega. Inicialmente, os romanos não tinham o costume de se tatuar. No entanto, a prática da tatuagem para fins militares foi gradualmente adotada, sendo inspirada em culturas vizinhas. As batalhas romanas contra os Celtas, que não dominavam a escrita mas possuíam uma forte tradição de tatuar seus soldados com brasões e insígnias de honra, serviram de inspiração para os Gregos. Por sua vez, a influência grega foi o que levou os guerreiros romanos a adotarem a tatuagem para facilitar a identificação em combate. Dessa forma, a prática da tatuagem chegou aos romanos por meio da influência cultural grega, que já havia sido inspirada nos costumes dos povos celtas (Lima, 2020).

Com o advento das Cruzadas (a partir do século XI), a tatuagem passou a ser vista sob uma nova perspectiva. Os cruzados tatuavam-se com símbolos religiosos, especialmente a cruz, para garantir um enterro cristão caso morressem em combate. Contudo, na Idade Média, a Igreja Católica passou a banir a tatuagem, considerando-a uma forma de profanação do corpo, que era visto como um templo do Espírito Santo. Nesse contexto, aqueles que se tatuavam eram considerados pecadores e sujeitos a punições. Esse posicionamento contribuiu para o declínio da tatuagem no Ocidente, uma vez que a instituição religiosa desvalorizava os costumes dos povos chamados de “bárbaros”, reforçando a associação negativa entre a marca corporal e a marginalidade. Tal condenação se articulava a um rígido controle eclesiástico sobre os comportamentos individuais, que posteriormente seria transportado para os territórios americanos colonizados pela Europa, impondo sobre as culturas locais a mesma lógica de repressão e disciplinamento (Jaires, 2011).

Nesse horizonte simbólico, modificar o corpo significa instaurar um desequilíbrio na ordem das coisas, especialmente na perspectiva do pensamento religioso de matriz judaico-cristã. Tal concepção entende a intervenção corporal como uma transgressão que vai além da questão da integridade física, mas também contra a própria imagem de Deus refletida no ser humano. Assim, a tatuagem passou a ser interpretada como um ato antinatural, enquadrado na categoria do impuro e, por consequência, associado a valores negativos e estigmatizantes (Pérez, 2006).

Diferentemente do contexto Europeu na Idade Média, que viu a prática ser reprimida e associada à punição, as culturas orientais mantiveram a tatuagem viva, mesmo que estigmatizada. Na China, o ato de tatuar-se era inicialmente realizado para marcar criminosos e exilados, garantindo que não pudessem se reintegrar totalmente à sociedade. A tatuagem, conhecida como *Ci Shen* ou *Wen Shen* (que significa "perfurar o corpo"), geralmente era aplicada com utensílios pontiagudos de metal ou de madeira, em mais de uma cor, com o objetivo de celebrar ou afastar perigos. Ao longo do tempo, grupos marginalizados que foram marcados com tatuagens acabaram absorvendo a prática como parte de sua cultura. Alguns grupos, inclusive, passaram a tatuar o rosto de suas mulheres como forma de proteção contra abusos, caso sofressem alguma invasão. Outros marcavam os jovens, simbolizando um rito de passagem para a vida adulta (Lima, 2020).

No que se refere ao Japão, as raízes da tatuagem se estendem até 10.000 a.C. Originalmente, a prática era vista com propósitos espirituais e decorativos. A técnica tradicional, chamada *Tebori*, significa "entalhar" e envolve a aplicação de pigmentos na pele usando finas pontas de bambu. Ao longo do tempo, a tatuagem japonesa evoluiu para composições mais elaboradas, que frequentemente retratam ideogramas, dragões, gueixas e elementos da natureza. Sua aceitação na sociedade japonesa ocorreu durante o período *Jomon* (entre 10.000 e 200 D.C), mas passou por mudanças significativas no período *Kofun* (250-538 d.C.). Devido à sua nova função de marcar criminosos e exilados, a tatuagem passou a carregar o mesmo estigma chinês. Essa percepção permaneceu por séculos, mas foi desafiada no final do *Xogunato Tokugawa* (1603-1868). Nesse período, a tatuagem ressurge como um símbolo de resistência. Esse fenômeno, porém, não dura muito, frente ao surgimento da máfia *Yakuza* e ao fato de seus membros cobrirem seus corpos com tatuagens complexas. No entanto, é importante destacar que, com o passar do tempo, a tatuagem oriental ganhou ampla visibilidade e apreciação com o início da globalização, tornando-se um dos estilos mais influentes e desejados da contemporaneidade (Lima, 2020).

Ao longo do percurso histórico apresentado, observa-se que a tatuagem não pode ser compreendida como uma prática homogênea ou estática, mas como um fenômeno cultural plural, cujos significados variaram significativamente conforme o contexto social, religioso e político de cada civilização. Desde a Antiguidade, passando por diferentes povos e períodos históricos, a tatuagem assumiu funções que vão da expressão espiritual e identitária à marcação de punição e controle social, revelando-se como uma forma de linguagem corporal profundamente vinculada à organização simbólica das sociedades.

2.3 A TATUAGEM COMO LINGUAGEM CORPORAL

O corpo humano sempre funcionou como um importante suporte simbólico nas diferentes culturas. Como visto anteriormente, evidências arqueológicas demonstram que as inscrições corporais eram frequentemente associadas a ritos de passagem, práticas espirituais, proteção simbólica ou demonstração de status social. Tais registros históricos demonstram que o corpo, para além de sua dimensão biológica, constitui um espaço privilegiado de produção e de comunicação de significados (Marques, 1997).

Nesse sentido, o corpo tem sido compreendido, ao longo da história, como um poderoso veículo de significação social. As modificações corporais tornam-se, portanto, formas expressivas por meio das quais os indivíduos comunicam valores, pertencimentos e identidades. A tatuagem, nesse contexto, configura-se como um recurso de transformação da aparência física que possibilita a expressão de identidades individuais e coletivas, podendo indicar papéis de gênero, posições sociais, estilos de vida, pertencimento geracional ou vínculos comunitários (Leitão, 2004).

A tatuagem, na contemporaneidade, desloca-se de seus sentidos tradicionais, anteriormente vinculados à inscrição de pertencimentos coletivos e à ligação com os antepassados, para assumir uma função centrada na individualização. Nesse novo contexto, as marcas corporais passam a integrar processos de construção de um corpo estético e singular, orientados pela afirmação da subjetividade. Dessa forma, a tatuagem constitui uma forma de registro das experiências vividas, operando como mediação entre as dimensões internas do sujeito e sua exteriorização no corpo (Le Breton, 2013).

Na contemporaneidade, a tatuagem se realiza em circunstâncias sociais e simbólicas cada vez mais diversificadas. Em grande medida, consolidou-se como uma forma de manifestação estética e artística amplamente buscada pelas novas gerações. O corpo tatuado passa a ser concebido como uma superfície de expressão, deslocando-se por diferentes espaços sociais e assumindo a condição de uma espécie de “obra em movimento”, cuja principal característica é a visibilidade estética e a capacidade de comunicar algo sobre aquele que a porta. Desse modo, a pele transforma-se em suporte simbólico, no qual se inscrevem narrativas pessoais que distinguem o indivíduo dos demais, conferindo-lhe identidade e singularidade (Le Breton, 2013; Rodrigues; Carreteiro, 2014).

As representações do corpo, entretanto, não permanecem estáticas, estando profundamente relacionadas às transformações sociais e culturais de cada período histórico. Conforme os grupos sociais se reorganizam e produzem novos valores, também se modificam

as formas de compreender, valorizar e significar o corpo. Dessa maneira, os sentidos atribuídos às práticas de modificação corporal, como a tatuagem, variam de acordo com o contexto histórico e cultural em que se inserem (Separavich; Canesqui, 2010).

Nesse processo, a aparência corporal passa a ocupar um lugar central nas construções contemporâneas de identidade. O corpo torna-se um espaço de expressão da individualidade e da liberdade pessoal, funcionando como meio pelo qual os sujeitos comunicam aspectos de sua trajetória, de suas escolhas e de sua visão de mundo. Como observa Ortega (2006, p. 46), “a aparência do corpo tornou-se central às noções de autoidentidade”, indicando que o modo como o corpo é apresentado socialmente assume um papel fundamental na constituição do sujeito.

Ademais, a tatuagem pode ser compreendida, também, como uma forma de linguagem corporal. Trata-se de um registro simbólico inscrito na pele que simultaneamente diferencia e identifica o indivíduo. Seus significados, contudo, não são fixos ou universais, dependendo, assim, das formas de utilização e de exibição das marcas corporais. Elementos como a quantidade de tatuagens, o tamanho dos desenhos, as partes do corpo escolhidas para sua inscrição e a maneira como são mostradas ou ocultadas influenciam diretamente os sentidos que elas assumem no contexto social (Meloto, 2021).

Assim, o corpo tatuado estabelece uma ponte entre o mundo interno do sujeito e o espaço social em que ele se insere. Ao tornar visíveis experiências, valores ou referências simbólicas pessoais, a tatuagem transforma a pele em um meio de comunicação com o outro. O olhar social, nesse contexto, desempenha papel fundamental, pois é por meio dele que essas marcas são interpretadas, reconhecidas ou ressignificadas. Dessa forma, as tatuagens passam a funcionar como expressões identitárias que articulam pertencimento e visibilidade social (Ortega, 2006).

No interior dessas discussões, o corpo deve ser compreendido para além de uma mera realidade biológica, mas também e, sobretudo, como um espaço socialmente produzido, no qual se inscrevem normas, valores e formas de poder. Nesse sentido, o filósofo Michel Foucault (1987) argumenta que o corpo constitui um campo privilegiado de intervenção das práticas sociais, sendo constantemente moldado por discursos e mecanismos de regulação presentes nas diferentes sociedades. Ao longo da história, tais mecanismos estabeleceram padrões de comportamento, de aparência e de conduta, delimitando aquilo que seria considerado aceitável ou desviante no âmbito social (Foucault, 1987).

Nesse contexto, as práticas de modificação corporal podem ser compreendidas como formas pelas quais os indivíduos negociam essas normas e produzem novas formas de

expressão de si. A tatuagem, nesse contexto, pode ser lida como uma “prática de si”, em que o sujeito subverte a normatização estética para reivindicar a soberania sobre sua própria pele. Desse modo, ao marcar o corpo, o sujeito produz a narrativa visual sobre si mesmo, inscrevendo na pele elementos de sua trajetória, de suas experiências e de sua identidade.

Sob essa ótica, o corpo pode ser compreendido como uma matéria-prima suscetível a transformações, sendo constantemente moldado pelas relações que o indivíduo estabelece com o meio em que está inserido. Nessa perspectiva, o corpo deixa de ser concebido como uma estrutura fixa e passa a constituir-se como um espaço no qual se inscrevem mudanças, experiências e significações. Assim, ampliam-se as possibilidades de intervenção corporal, permitindo que o indivíduo modifique sua própria aparência de múltiplas formas, aproximando-a de sua identidade e da percepção de si. Para Le Breton (2004), a tatuagem insere-se nesse processo como um dos meios pelos quais o sujeito realiza transformações desejadas em seu corpo, conferindo-lhe novos sentidos.

Desse modo, a tatuagem pode ser interpretada como uma forma de linguagem corporal que dialoga com as estruturas sociais nas quais o indivíduo está inserido, já que, ao mesmo tempo em que o corpo é historicamente regulado por normas e expectativas sociais, ele também se converte em espaço de expressão e de resistência, no qual os sujeitos constroem e comunicam suas subjetividades por meio de marcas visíveis. Assim, o corpo e seus significados são continuamente construídos ao longo da trajetória de vida do indivíduo, passando por processos constantes de alteração, ampliação e resignificação. Trata-se de um corpo inacabado, marcado por imperfeições e aberto à intervenção de seu próprio titular, que, por meio de suas escolhas, busca construí-lo e apropriá-lo, atribuindo-lhe sentido.

Tal movimento, que se estende por toda a existência, evidencia, assim, o esforço contínuo do sujeito em produzir uma imagem de si que corresponda às suas experiências e expectativas. Nessa lógica, o indivíduo assume a soberania sobre o próprio corpo, que se configura como expressão material de sua identidade e como sua principal forma de inserção no mundo, já que é por meio do corpo que o sujeito se faz presente, interage socialmente e demarca sua singularidade, distinguindo-se dos demais a partir de suas vivências e de sua experiência corporal (Le Breton, 2004).

2.4 A TATUAGEM NO CONTEMPORÂNEO

No contexto hodierno, a tatuagem passou por um processo de resignificação que transformou tanto a forma como é praticada quanto a maneira como é socialmente assumida.

Atualmente, observa-se sua ampla difusão nos mais variados setores da sociedade, sendo possível encontrá-la em corpos de diferentes faixas etárias, gêneros e *status* sociais, com poucas restrições. Nesse sentido, é patente que a tatuagem deixou de estar vinculada de modo exclusivo à marginalidade, inserindo-se em novos contextos sociais e adquirindo significados plurais, que vão além de sua conotação inicial (Pérez, 2006).

No tempo presente, a tatuagem consolidou-se como fenômeno global, embora apresente diferentes ritmos de expansão conforme a região. Em países europeus como Portugal, por exemplo, o crescimento ainda ocorre de forma mais lenta em comparação ao Brasil, mas a abertura política e cultural recente tem favorecido a propagação de novos estúdios. Já no Oriente, a prática permanece marcada por estigmas, especialmente em países como Japão e China, onde as tatuagens ainda são fortemente associadas à marginalidade e enfrentam repressão estatal. Apesar dessas diferenças regionais, é inegável que o século XXI representa uma fase de grande inovação e ressignificação para a tatuagem. Com a difusão da internet e das mídias sociais, a prática ganhou visibilidade inédita, aproximando artistas e clientes, transformando-se em parte da cultura digital. Além disso, o avanço tecnológico trouxe melhorias significativas para o processo de tatuar: máquinas mais precisas, tintas hipoalergênicas, líquidos antibacterianos, bem como a difusão de cursos e tutoriais que ampliam o aprendizado e a profissionalização do ofício (Lima, 2020).

É oportuno lembrar, entretanto, que o ato de tatuar-se sempre representou um gesto expressivo voltado ao olhar do outro na medida em que, como foi visto, historicamente, o corpo foi utilizado como suporte artístico e simbólico para romper barreiras sociais e culturais, sobretudo porque a tatuagem esteve associada a práticas marginais quando chegou à Europa, sendo vinculada a grupos populares (Marques, 1997).

Na contemporaneidade, esse estigma é progressivamente superado. A tatuagem, antes circunscrita à marginalidade, vem adquirindo novos sentidos, configurando-se como prática estética, artística e identitária cada vez mais aceita socialmente. Assim, deixa de ser compreendida apenas como transgressão e passa a se legitimar como recurso de expressão cultural e subjetiva, tornando-se um fenômeno amplamente difundido entre diferentes setores sociais (Rodriguez; Carreteiro, 2014).

Essas transformações contrastam fortemente com o papel da tatuagem em sociedades tradicionais. Entre os Tupinambás e os Kadiwéu, por exemplo, a prática exerce uma função de integração coletiva, atuando como rito de passagem e marca simbólica de pertencimento. O jovem, ao ingressar na vida adulta, recebe uma transformação corporal que possibilita sua inserção no grupo, reforçando laços comunitários e garantindo a continuidade da tradição.

Atualmente, entretanto, observa-se uma mudança significativa nesse processo. A tatuagem deixa de ser regulada por rituais coletivos e passa a ser marcada por escolhas individuais, muitas vezes realizadas em contextos de fragmentação social (Jaires, 2011).

Ao contrário do que ocorre entre povos como os Tupinambás e os Kadiwéu, em que o jovem conta com o apoio e o incentivo dos mais velhos de sua comunidade, a decisão de tatuar-se frequentemente acontece de maneira solitária e, por vezes, enfrenta resistência familiar. Como observa Jaires (2011), em vez de incentivo e encorajamento, é comum que haja desaprovação ou desencorajamento por parte do círculo social próximo, o que transforma a tatuagem em um gesto de afirmação pessoal e não mais em um ritual de integração comunitária.

Essa individualização deve ser compreendida à luz da própria condição humana. Ao longo de sua existência o ser humano sempre buscou elaborar sentidos para a vida, apropriando-se de sua singularidade por meio da consciência. Essa característica distintiva possibilitou a adaptação aos diferentes contextos históricos e culturais, ao mesmo tempo em que impulsionou a criação de práticas simbólicas para afirmar presença e dar sentido à existência. Nesse horizonte, a tatuagem pode ser interpretada como uma das formas mais visíveis de materialização dessa busca. Enquanto no contexto Tupinambá e Kadiwéu a inscrição corporal possui caráter ritualístico e integrador, por exemplo, fora dele ela assume um sentido de dispersão (Carneiro; Abritta, 2008).

Os tatuados, embora “espalhados na multidão”, compartilham a condição de portarem em seus corpos uma inscrição identitária, que os torna parte de um grupo simbólico: o dos tatuados urbanos. Nesse cenário, a tatuagem não mais integra por meio da tradição, mas individualiza, sendo vivida como escolha pessoal e livre expressão subjetiva. Paradoxalmente, a mesma prática que fragmenta também une, pois os indivíduos tatuados, ainda que provenientes de diferentes contextos sociais e culturais, compartilham a experiência comum da modificação corporal. Assim, o gesto de tatuar-se, nas sociedades contemporâneas, pode ser compreendido como forma de resistência, uma espécie de “desobediência simbólica”, às normas sociais hegemônicas, associadas ao que é considerado civilizado (Jaires, 2011).

Nesse sentido, a tatuagem contemporânea se apresenta como fenômeno profundamente vinculado à condição existencial do ser humano, na medida em que contribui para a construção de identidade, para a afirmação subjetiva e para a elaboração de sentidos relacionados à vida cotidiana. É nesse processo que se consolida como recurso de atribuição de sentido à existência, sobretudo em fases do desenvolvimento humano em que prevalecem definições identitárias, profissionais e sociais (Meloto, 2020).

Vale ressaltar que o século XXI é marcado pelo surgimento de novos estilos artísticos, pela consagração de tatuadores reconhecidos mundialmente e pela realização de convenções internacionais que contribuem para legitimar a tatuagem como prática estética e cultural. Ademais, a publicação de livros especializados, as mudanças legislativas e a aceitação social demonstram que, longe de ser vista apenas como estigma ou desvio, a tatuagem firmou-se como expressão de identidade e de pertencimento no mundo globalizado (Lima, 2020).

De forma complementar, observa-se que, para além da dimensão estética e artística, a tatuagem assume, na contemporaneidade, uma relevância técnico-científica no campo da identificação humana, podendo atuar como um marcador biométrico fundamental. Segundo Reis e Filho (2021), embora a inscrição na pele não seja criada com finalidade documental, sua singularidade de traços e localização permite que ela funcione como um registro material único do indivíduo. Sob a ótica da Psicologia, essa função documental da tatuagem adquire um novo sentido: assim como o Estado utiliza a marca para identificar um corpo na ausência de outros dados, o sujeito a utiliza para identificar a si mesmo perante o tempo e a sociedade. Nesse sentido, a tatuagem assemelha-se ao conceito de “documento corporal” observado entre os Maoris, onde cada desenho preserva a memória e a trajetória exclusiva do portador, garantindo que sua história permaneça inscrita e reconhecível, tanto para o olhar pericial quanto para sua própria consciência de si.

Como um recurso estético, a tatuagem consolidou-se como linguagem simbólica e meio de expressão de subjetividade. Por meio dela, o sujeito pode atribuir sentidos à própria existência, reinscrever experiências e afirmar aspectos de sua identidade perante o olhar do outro. Nesse movimento, o corpo tatuado torna-se suporte visível de narrativas pessoais, funcionando como espaço de elaboração de autoestima, de pertencimento social e de construção de singularidade. Por conseguinte, a tatuagem, outrora estigmatizada, é hoje reconhecida como prática cultural capaz de articular dimensões individuais e coletivas, subjetivas e sociais, evidenciando sua relevância para compreender os modos contemporâneos de viver e expressar-se (Pérez, 2006).

2.5 TATUAGEM COMO RECONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA

Em primeiro lugar, convém destacar que a sociedade ocidental evidencia dificuldades significativas no processo de construção da identidade individual, sobretudo em um contexto marcado pelo consumo exacerbado. Nesse cenário, o corpo tende a ser reduzido à condição de bem de consumo, o que pode gerar sentimentos de inadequação, de estranhamento e de

desconexão em relação à própria experiência subjetiva. Tais tensões tornam-se ainda mais intensas em indivíduos que vivenciam situações de sofrimento psíquico, como depressão, ansiedade, estresse pós-traumático ou outras condições que impactam diretamente a autoestima e a percepção de si. Nesse contexto, a tatuagem pode ser compreendida como um recurso de reconstrução da autoestima, na medida em que possibilita ao sujeito deslocar o foco de sua identidade do evento traumático para uma elaboração simbólica mais ampla de sua própria trajetória (Duarte; Vieira, 2022).

A tatuagem pode atuar, para alguns indivíduos, como um recurso de ressignificação de partes do corpo que antes eram percebidas de forma negativa ou insatisfatória. Em um contexto contemporâneo marcado pela forte influência da cultura da imagem, que frequentemente impõe padrões estéticos difíceis de alcançar, a prática de tatuar-se possibilita uma reaproximação com o próprio corpo. Nesse processo, o indivíduo passa a atribuir novos sentidos à sua aparência, construindo uma relação mais subjetiva, simbólica e, por vezes, mais acolhedora consigo mesmo (Rocha, 2025).

Ao inscrever marcas escolhidas no corpo, o indivíduo passa a integrar diferentes momentos de sua existência: antes, durante e após o trauma, em uma nova narrativa, construída de forma intencional. Em sua dimensão expressiva e estética, a tatuagem pode assumir um papel terapêutico, especialmente ao possibilitar a ressignificação de marcas corporais e emocionais. Ao cobrir cicatrizes físicas ou simbólicas, o sujeito reinscreve sua história sob novas formas de significado. Esse processo permite que a identidade deixe de estar centrada na dor ou na marca traumática, possibilitando a construção de uma narrativa mais integrada, que articula passado, presente e projeto de futuro. Assim, a prática da tatuagem revela-se como estratégia de elaboração subjetiva, na qual o corpo se converte em espaço de transformação, de autonomia e de reconstrução do eu (Duarte; Vieira, 2022).

Sob essa perspectiva, a autoimagem deixa de ser apenas reflexo passivo de experiências vividas e passa a ser construída de forma intencional. A tatuagem possibilita que o indivíduo, ao registrar sua trajetória, também elabore sentidos sobre ela, condensando diferentes momentos de sua existência em uma representação simbólica única. Trata-se, portanto, de um processo no qual o sujeito se constitui como autor de si, utilizando o corpo como espaço narrativo e expressivo (Meloto, 2021).

Nessa perspectiva, a relação entre tatuagem e autoestima pode ser compreendida como um processo dinâmico, atravessado por diferentes fatores, como as intenções individuais, os sentidos atribuídos às marcas corporais e a forma como essas são percebidas socialmente. A prática pode assumir tanto uma função subjetiva, ligada à valorização estética e à expressão

peçoal, quanto uma dimensão mais objetiva, voltada à reparação e à reconstrução corporal. Assim, a tatuagem contribui para uma aproximação entre a imagem que o sujeito constrói de si e aquela que deseja projetar, atuando como um recurso significativo na consolidação da identidade e no fortalecimento da autoestima (Rocha, 2025).

Dessa forma, a tatuagem pode operar como um dispositivo de retomada de controle sobre o próprio corpo. Em situações nas quais o sujeito vivenciou experiências de perda, doença ou sofrimento psíquico, a possibilidade de escolher como intervir sobre sua própria imagem representa um movimento ativo de reconstrução subjetiva. Projetos contemporâneos que utilizam a tatuagem na cobertura de cicatrizes evidenciam esse potencial ao permitir a recuperação da autoestima e a ressignificação da relação com o próprio corpo, transformando marcas de dor em símbolos de resistência e continuidade da vida (Duarte; Vieira, 2022).

Ao tornar visível uma marca escolhida, o indivíduo também negocia sua identidade no espaço público, redefinindo a forma como deseja ser percebido. Nesse movimento, a tatuagem pode tanto ocultar marcas anteriores quanto produzir novas formas de visibilidade, questionando padrões normativos de corpo e ampliando as possibilidades de expressão subjetiva (Ortega, 2006).

Além disso, ao transformar o corpo em suporte artístico, a tatuagem contribui para a valorização da singularidade. Segundo Rocha (2025), ela amplia as possibilidades de expressão estética, permitindo que cada pessoa construa sua imagem de acordo com sua própria subjetividade e história. Nesse sentido, a prática se coloca em contraposição aos modelos corporais padronizados, frequentemente reforçados por filtros digitais e intervenções estéticas uniformizantes. Como resultado, observa-se um movimento de fortalecimento da autoestima, no qual o corpo deixa de ser orientado pela lógica da padronização e passa a ser compreendido como espaço de expressão individual, carregado de sentido (Rocha, 2025). Desse modo, a tatuagem acompanha a trajetória do sujeito e participa ativamente da construção de sua identidade, funcionando como mediadora entre experiência vivida e sentido atribuído à vida. Assim, ao transformar o corpo em suporte simbólico, o indivíduo reconstrói sua autoestima, inscrevendo na pele narrativas que expressam quem foi, quem é e quem deseja ser (Meloto, 2021).

Ao inscrever marcas permanentes na pele, o indivíduo transforma o corpo em um espaço simbólico de expressão, por meio do qual afirma, ainda que, por vezes, de maneira inconsciente, quem é e como deseja ser percebido. Portanto, a tatuagem atravessa diferentes dimensões da experiência subjetiva, contribuindo para o fortalecimento da autoestima ao possibilitar a

construção de uma identidade visual marcada pela intencionalidade e pela autenticidade (Rocha, 2025).

3 METODOLOGIA

Nesta pesquisa, adota-se o método científico qualitativo, partindo de referenciais teóricos já consolidados para a construção de uma problemática específica. A investigação foi conduzida por meio de pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, com busca sistematizada fundamentada na análise de materiais previamente publicados em artigos científicos. Segundo Amaral (2007), esse tipo de pesquisa permite reunir, examinar e sintetizar o conhecimento produzido sobre determinado tema, constituindo um processo rigoroso de construção teórica e crítica. Esses materiais foram obtidos prioritariamente em bases reconhecidas pela comunidade acadêmica, a saber: Periódicos CAPES e SciELO Brasil, de modo a garantir a confiabilidade, a atualidade e a relevância científica das informações.

A técnica de análise e interpretação dos dados foi de natureza qualitativa, voltada à compreensão dos significados atribuídos ao fenômeno da tatuagem em sua relação com identidade, autoestima e expressão do sujeito. A pesquisa qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar uma leitura interpretativa e contextualizada do material selecionado, permitindo acessar camadas mais profundas de sentido que ultrapassam a simples quantificação de dados.

Dessa forma, a metodologia proposta não se limitou ao levantamento e descrição das fontes, mas buscou construir articulações teóricas que favoreceram o entendimento crítico do papel da tatuagem ao longo do tempo, enfatizando suas ressignificações históricas e expressões contemporâneas. A relevância dessa abordagem reside em ampliar a compreensão do corpo enquanto espaço simbólico, cultural e social, contribuindo para os estudos acadêmicos sobre identidade e subjetividade, bem como para reflexões mais amplas acerca das práticas culturais e dinâmicas sociais na atualidade.

Conforme orienta o *Guia de Revisão Sistemática* da Universidade Federal do Maranhão (UFMA, [s.d.]), a busca sistematizada e o uso de critérios claros de seleção e exclusão conferem maior validade e confiabilidade às revisões de natureza teórica. Para garantir essa consistência e a pertinência do material selecionado, foram estabelecidos critérios específicos de inclusão e exclusão. Foram priorizados artigos científicos publicados entre 2021 e 2025, sem excluir obras clássicas e referenciais teóricos anteriores fundamentais para a compreensão histórica e conceitual do tema; Estudos disponíveis na íntegra e escritos em língua portuguesa; Pesquisas completas e publicadas em periódicos científicos reconhecidos; Produções acadêmicas que

abordam a história da tatuagem e sua configuração como prática de expressão identitária e subjetiva na contemporaneidade, analisando suas relações com autoestima, pertencimento social e construção de sentido. Foram excluídos: artigos duplicados nas bases de dados consultadas; Materiais incompletos ou não disponíveis integralmente; Publicações fora do recorte temporal estabelecido.

A coleta dos materiais foi realizada a partir das bases de dados selecionadas, utilizando combinações de palavras-chave como: tatuagem, identidade, autoestima, subjetividade, corpo, modificações corporais e expressão simbólica. Os títulos e resumos foram analisados segundo os critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. Após a seleção, procedeu-se à leitura e à sistematização dos dados, extraindo-se informações pertinentes, como autores, ano de publicação, metodologia, resultados e conclusões, as quais foram organizadas de modo a identificar tendências teóricas, convergências conceituais e lacunas de pesquisa relacionadas ao tema. Por fim, os resultados obtidos foram interpretados qualitativamente, à luz das categorias teóricas que fundamentam o estudo, de modo a articular os diferentes discursos sobre a tatuagem e suas múltiplas dimensões simbólicas, sociais e identitárias.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Quadro 1, consiste em sintetizar os artigos utilizados, onde evidencia o estudo sobre a tatuagem na contemporaneidade, especialmente em sua relação com a autoestima, a identidade e a expressão de subjetividade.

Quadro 1 - Resultados da pesquisa

TÍTULO	AUTOR/ANO	RESULTADOS
Tatuagem: um mapa rizomático de um tema de pesquisa	CAZETTA, Valéria (2023)	A tatuagem consolida-se como um fenômeno social e cultural de ampla expansão na contemporaneidade, que mobiliza diferentes áreas do conhecimento, articulando dimensões estéticas, identitárias e mercadológicas. O crescimento de sua visibilidade social e acadêmica evidencia transformações nos modos de subjetivação e nas formas de relação do indivíduo com o corpo. Sugere-se aprofundamento em pesquisas interdisciplinares relacionando os impactos culturais e psicológicos da prática.
Tatuagens que curam e ressignificam: o corpo como tela da existência	DUARTE, Ismael Higor Cardoso; VIEIRA, Rebeca de Souza (2022)	A prática da tatuagem demonstra potencial como recurso de elaboração subjetiva, contribuindo para a ressignificação de experiências e para a construção da autoestima

			e da identidade. Sugere-se a ampliação de pesquisas empíricas voltadas à sua interface com a saúde mental e os processos psicossociais.
Tatuagem: a arte no corpo, cura da alma	FRAUZINO, Fabrício Cavalcante <i>et al.</i> (2023)		A tatuagem evidencia-se como um recurso de construção identitária,
			atuando na ressignificação de experiências e na reconstrução da autoimagem, especialmente em contextos de sofrimento psíquico. Indica-se o aprofundamento de estudos empíricos que investiguem suas implicações terapêuticas e sociais em diferentes grupos.
Ler com o corpo, escrever na pele: um caso de <i>blast over</i> com literatura, ilustração, edição e tattoo dentro	PEREIRA, Claudia Sousa (2024)		A tatuagem é apresentada como linguagem estética e cultural capaz de articular literatura, ilustração e expressão corporal, ampliando as formas contemporâneas de construção de sentido e identificação subjetiva. O conceito de <i>blast over</i> evidencia a sobreposição simbólica de experiências, memórias e narrativas no corpo e na arte. Sugere-se aprofundamento em estudos interdisciplinares sobre tatuagem, juventude e práticas culturais contemporâneas.
A tatuagem como documento e elemento biométrico para identificação humana	REIS, Patrícia; Eudaldo Francisco (2021)	FILHO, Santos	A tatuagem pode assumir função biométrica na identificação humana, sendo utilizada como elemento documental em contextos periciais, especialmente na identificação de cadáveres, ainda que originalmente não tenha essa finalidade. Sugere-se aprofundamento em estudos que explorem a padronização e o uso de bancos de dados para validação comparativa.
Tatuagem: identidade e autoestima na pele - estudo sobre a tatuagem como extensão da identidade e seu efeito transformador na autoestima do indivíduo	ROCHA, Souza (2025)	Anderson	A tatuagem apresenta efeitos positivos na construção da identidade e da autoestima, atuando como meio de externalização subjetiva e fortalecimento do eu, ainda que motivada por significados, por vezes, inconscientes. Sugere-se aprofundamento em estudos empíricos que explorem diferentes contextos socioculturais e perfis de indivíduos.
Narrativas no corpo: cicatrizes e tatuagens na experiência de	TANABE, Roberta Falcão; MOREIRA, Martha Cristina Nunes		As marcas corporais relacionadas ao adoecimento crônico, raro e complexo revelam a tatuagem e as cicatrizes

adoecimento crônico, raro e complexo	(2022)	como formas de testemunho estético, político e identitário, favorecendo processos de narrativização, visibilidade social e elaboração subjetiva da experiência de sofrimento. Sugere-se aprofundamento de estudos sobre o papel das inscrições corporais na construção de memória, reconhecimento e resistência em contextos de cuidado e de deficiência.
--------------------------------------	--------	---

Fonte: elaborado pela autora (2026).

A análise dos estudos apresentados no Quadro 1 permite identificar convergências importantes acerca dos sentidos atribuídos à tatuagem na contemporaneidade. De modo geral, os resultados evidenciam que a tatuagem, em sua dimensão estética, configura-se como uma prática simbólica diretamente relacionada à construção de identidade, à elaboração subjetiva e à produção de sentido sobre a existência. Nesse contexto, conforme apontado por Rocha (2025), a tatuagem também pode atuar como um recurso por meio do qual o indivíduo ressignifica sua relação com o próprio corpo, especialmente em uma sociedade marcada por padrões estéticos rígidos e, muitas vezes, excludentes, possibilitando a construção de uma imagem mais alinhada à sua subjetividade.

Inicialmente, observa-se que a busca por sentido constitui um elemento central para compreender a adesão às práticas corporais contemporâneas. Nesse contexto, a tatuagem emerge como uma das formas pelas quais o indivíduo materializa simbolicamente suas experiências, transformando o corpo em um espaço de expressão existencial. Essa perspectiva dialoga diretamente com os achados de Duarte e Vieira (2022), que evidenciam o potencial da tatuagem como recurso de elaboração subjetiva, especialmente na ressignificação de vivências marcadas por sofrimento psíquico.

De maneira complementar, os estudos de Frauzino et al. (2023) reforçam essa dimensão ao apontar a tatuagem como instrumento de reconstrução da autoimagem, sobretudo em contextos de dor emocional. Nesses casos, o ato de tatuar-se representa um processo ativo de reorganização da própria identidade, no qual o sujeito passa a reinterpretar suas experiências e atribuir novos significados às marcas físicas e simbólicas que carrega.

Essa convergência entre os estudos de Duarte e Vieira (2022) e Frauzino et al. (2023) aponta para a função da tatuagem como um operador de subjetivação. Ao materializar o trauma ou a memória em arte, o sujeito realiza uma transição do sofrimento passivo para a ação estética,

permitindo que a autoestima seja reconstruída. Nessa mesma direção, Rocha (2025) destaca que a escolha de transformar o corpo em suporte artístico contribui para a valorização da singularidade, funcionando como um contraponto aos modelos corporais padronizados e favorecendo a construção de uma identidade visual própria, carregada de sentido.

Além disso, estudos mais recentes ampliam a compreensão da tatuagem evidenciando seu papel como linguagem narrativa, política e relacional. Tanabe e Moreira (2022), ao investigarem tatuagens e cicatrizes em contextos de adoecimento crônico, raro e complexo, demonstram que as marcas corporais podem funcionar como testemunhos visíveis de experiências de dor, de cuidado, de resistência e de sobrevivência. Nesse contexto, a tatuagem passa a operar como suporte de memória e narrativa biográfica, permitindo ao sujeito transformar experiências de sofrimento em formas simbólicas de expressão e reconhecimento social.

De maneira semelhante, Pereira (2024) propõe compreender a tatuagem a partir de sua articulação com diferentes linguagens artísticas e culturais, aproximando literatura, ilustração e práticas corporais. A autora evidencia que a tatuagem pode ser interpretada como uma forma de leitura e de escrita do próprio corpo, na qual imagens, símbolos e experiências se sobrepõem continuamente, produzindo sentidos subjetivos e coletivos. Essa perspectiva amplia a compreensão da tatuagem como prática cultural contemporânea vinculada à construção narrativa da experiência humana.

Já Cazetta (2023) destaca o caráter múltiplo e rizomático da tatuagem, compreendendo-a como um fenômeno que atravessa campos diversos, como a arte, a identidade, a política, a memória e a comunicação. Tal compreensão reforça a impossibilidade de reduzir a tatuagem a uma prática exclusivamente estética, uma vez que ela envolve relações complexas entre o corpo, a subjetividade e a sociedade, conectando experiências individuais e processos culturais mais amplos.

A partir da articulação desses estudos, torna-se evidente que há uma convergência teórica no entendimento da tatuagem como linguagem corporal e dispositivo de mediação entre o mundo interno do sujeito e o contexto social em que está inserido. Nesse sentido, a prática atua simultaneamente em duas dimensões: individual, ao favorecer processos de autoconhecimento, de ressignificação e de fortalecimento da autoestima; e social, ao possibilitar a expressão de pertencimento, de diferenciação e de posicionamento identitário.

Ademais, os resultados indicam que a tatuagem assume, em muitos casos, uma função terapêutica, ainda que não formalmente institucionalizada. Ao permitir a reinscrição de experiências no corpo, ela contribui para a elaboração de traumas, funcionando como estratégia

de enfrentamento e de reconstrução subjetiva. Tal aspecto aponta para a necessidade de ampliação de estudos empíricos, conforme sugerido, a fim de aprofundar a compreensão de suas implicações no campo da saúde mental.

Enquanto Rocha (2025) aponta para a tatuagem como uma extensão da identidade que fortalece o eu de dentro para fora, Reis e Filho (2021) demonstram como essa mesma marca estende a identidade de fora para dentro, tornando o corpo um arquivo visual inquestionável de sua própria singularidade. Isso se torna evidente em contextos como a identificação cadavérica, onde características inscritas na pele podem se tornar indícios fundamentais, por vezes, os únicos, para a determinação da identidade, conferindo ao corpo tatuado um status de documento biográfico e jurídico

Por fim, evidencia-se que a tatuagem, no cenário contemporâneo, deve ser compreendida como um fenômeno complexo, que articula dimensões históricas, culturais, psicológicas e sociais. Sua análise revela transformações nas formas de uso do corpo, bem como mudanças mais amplas nas maneiras pelas quais os indivíduos constroem suas identidades e atribuem sentido à própria existência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral investigar de que maneira a tatuagem se configura como prática de expressão identitária e subjetiva na contemporaneidade, analisando suas relações com autoestima, pertencimento social e construção de sentido. A partir disso, buscou-se compreender o percurso histórico da tatuagem, suas transformações culturais ao longo do tempo e seu papel na constituição da autoimagem e da subjetividade no cenário atual.

Com base na literatura analisada, foi possível observar que a tatuagem, ao longo da história, passou por um processo significativo de resignificação. Inicialmente associada a rituais religiosos, práticas espirituais e pertencimento coletivo, posteriormente vinculada à marginalidade, a tatuagem consolidou-se, na contemporaneidade, como uma forma legítima de expressão estética, simbólica e identitária. Nesse contexto, o corpo deixa de ser apenas suporte biológico e passa a ser compreendido como espaço de produção de significados e comunicação social.

Além disso, verificou-se que a tatuagem desempenha um papel relevante na reconstrução da autoimagem, especialmente em indivíduos que vivenciam situações de sofrimento psíquico ou experiências traumáticas. Ao possibilitar a resignificação de marcas físicas e simbólicas, a prática permite que o sujeito reorganize sua narrativa pessoal,

transformando experiências de dor em elementos de fortalecimento e continuidade. Nesse sentido, o corpo torna-se um espaço narrativo, no qual o indivíduo assume uma posição ativa na construção de si mesmo.

Outro aspecto importante evidenciado diz respeito à tatuagem como forma de retomada do controle sobre o próprio corpo. Em uma sociedade marcada por padrões estéticos normativos e pela objetificação corporal, o ato de tatuar-se pode ser compreendido como uma expressão de autonomia e soberania individual. Assim, o corpo passa a ser concebido como uma estrutura dinâmica, passível de intervenção e ressignificação, aproximando-se da identidade e da percepção subjetiva de quem o habita.

Destaca-se, ainda, que a tatuagem contemporânea atua como um mecanismo de visibilidade social e afirmação identitária. Ao inscrever no corpo elementos de sua trajetória, o indivíduo comunica aspectos de sua história, valores e experiências, estabelecendo uma ponte entre o mundo interno e o espaço social. Dessa forma, a tatuagem configura-se como uma linguagem corporal que articula dimensões individuais e coletivas, contribuindo para a construção de pertencimento e singularidade.

Como limitação deste estudo, ressalta-se o fato de tratar-se de uma pesquisa baseada exclusivamente em revisão bibliográfica, o que restringe a análise às produções já existentes na literatura. Nesse sentido, sugere-se que pesquisas futuras possam desenvolver investigações empíricas, a fim de aprofundar a compreensão das vivências subjetivas de indivíduos tatuados, bem como os impactos psicológicos e sociais dessa prática em diferentes contextos.

Em síntese, conclui-se que a tatuagem, no cenário contemporâneo, configura-se como um importante recurso de elaboração subjetiva, construção de identidade e reconstrução da autoestima. Ao transformar o corpo em suporte simbólico, o sujeito modifica sua aparência e atribui novos sentidos à própria existência, evidenciando a relevância da tatuagem como fenômeno cultural, social e psicológico na atualidade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007.

CARNEIRO, Cláudia; ABRITTA, Stella. Formas de existir: a busca de sentido para a vida. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 14(2), pp. 190-194, 2008. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672008000200006&script=sci_abstract. Acesso em: 01 out. 2025.

CAZETTA, Valéria. Tatuagem: um mapa rizomático de um tema de pesquisa. **Estudos Avançados**, v. 37, n. 107, p. 335-359, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2023.37107.020>. Acesso em 24 mar. 2026.

DUARTE, Ismael Higor Cardoso; VIEIRA, Rebeca de Souza. **Tatuagens que curam e ressignificam: o corpo como tela da existência.** In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 8., 2022. *Anais da VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia*. v. 5, n. 5. Seção ST09: Corpo e técnica: práticas de conhecimento, cuidado e gestão, p. 1083–1099, 2022. Disponível em:

<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/3743/3614>. Acesso em: 5 abr. 2026.

FRAUZINO, Fabrício Cavalcante *et al.* Tatuagem: a arte no corpo, cura da alma.

Humanidades & Inovação, v. 10, n. 20, 2023. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8444>. Acesso em: 5 abr. 2026.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

JAIREES. Luana Thaisa Pedrosa Soares. **Sociologia da Tatuagem: uma análise antropológica e sociológica da técnica de tatuar e da prática de ser tatuado.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais.** Lisboa: Miosótis, 2004.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LEITÃO, Débora Krischke. **Mudança de significado da tatuagem contemporânea.**

Cadernos IHU Idéias: Instituto Humanista Unisinos, 16 (2), pp. 1-22, 2004. Disponível em:

<https://ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/016cadernosihuideias.pdf>. Acesso em 25 ago. 2025.

LIMA, Rodrigo Muniz de Souza. **Tatuagem: História e Contemporaneidade.** Dissertação (Mestrado em Desenho) - Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELOTO, Guilherme Kirka. **Possíveis relações entre tatuagem e sentido da vida em adultos jovens na perspectiva da logoterapia.** 2021. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021.

ORTEGA, Francisco. **Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais.** In M. I. M. Almeida & F. Eugenio (Orgs.), *Culturas jovens: novos mapas do afeto* (pp. 42-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PEREIRA, Claudia Sousa. Ler com o corpo, escrever na pele: um caso de *blast over* com literatura, ilustração, edição e tattoo dentro. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 19, n. 3, e61283p, jul./set. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p61283>. Acesso em 24 mar. 2026.

PÉREZ, Andrea Lissett. Identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Revista Mana**, 12 (1), pp. 179-206, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132006000100007>. Acesso em 24 ago. 2025.

REIS, Patrícia; FILHO, Eudaldo Francisco Santos. A tatuagem como documento e elemento biométrico para identificação humana. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 26, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2318-0889202436e249201>. Acesso em: 20 abr. 2026.

ROCHA, Anderson Souza. Tatuagem: identidade e autoestima na pele - estudo sobre a tatuagem como extensão da identidade e seu efeito transformador na autoestima do indivíduo. **Revista FT**, Linguística, Letras e Artes, v. 29, n. 146, maio 2025. Disponível em: <https://revistaft.com.br/tatuagem-identidade-e-autoestima-na-peleestudo-sobre-a-tatuagem-como-extensao-da-identidade-e-seu-efeito-transformador-na-autoestima-do-individuo/>. Acesso em: 20 abr. 2026.

RODRIGUEZ, Luciana da Silva; CARRETEIRO, Teresa Cristina Othenio Cordeiro. Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. **Psicologia & Sociedade**; 26(3), v. 26, n. 3, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000300023>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SEPARAVICH, Marco Antônio. & CANESQUI, Ana Maria. Girando a lente socioantropológica sobre o corpo: uma breve reflexão. **Saúde e Sociedade**, 19(2) n. 2, pp. 249-259, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902010000200003>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SILVA, Sergio Gomes da. As modificações corporais na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: **Cadernos Psicanalíticos** – CPRJ, v.33, n.25, pp. 239-257, 2011. Disponível em: https://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno25_pdf/20_CP_25_AS_MODIFICACOES_CORPORAIS_NA_SOCIEDADE.pdf. Acesso em: 25 ago. 2025.

TANABE, Roberta Falcão; MOREIRA, Martha Cristina Nunes. Narrativas no corpo: cicatrizes e tatuagens na experiência de adoecimento crônico, raro e complexo. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, e00197521, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00197521>. Acesso em 24 mar. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Guia para elaboração de artigo de revisão sistemática**. Pinheiro (MA): Comissão de TCC do Curso de Educação Física, Universidade Federal do Maranhão, [s.d.].